



THALLES
ROBERTO

**OLHA
O QUE
ELE FEZ
COMIGO**

por DANIEL ISRAEL

**OLHA
O QUE
ELE FEZ
COMIGO**

DOCE INFÂNCIA

Capítulo 1



DOCE INFÂNCIA

Cruza, Thalles, cruza a bolaaaa que eu tô livre, seu fominha!!!
— GoooooooooooooooooIIIII do Mengão. Mengãoooo,
ooooooooohhhh! — saía eu, feito louco, comemorando
e gritando pela pracinha.

Assim crescia a molecada, na praça da Rua Tupi, esquina com a Jayme Gomes, bem em frente à minha casa, em uma clássica e bucólica fotografia do interior mineiro. Em Passos, no início dos anos 1980, apesar da difícil sobrevivência diária das famílias simples, fermentava, em cada coraçãozinho inocente de criança, um universo interminável de sonhos e vontades, e a pergunta mais comum era: “O que você vai ser quando crescer?”. As respostas, geralmente, variavam, mas, sempre que surgia o assunto, cada um tinha sua resposta na ponta da língua – ainda que sempre diferente a resposta dada na semana anterior. O estranho é que, pelo que me lembro, eu era o único moleque da rua toda que sempre dava a mesma resposta.

Após a pelada na praça, a criançada, esparramada pelo chão, brincava de alimentar sonhos:

— Eu quero *sê* jogador de futebol, igual o Zico.

— Eu não. Eu quero *sê* carpinteiro igual o meu pai; ele já tem *tudo as ferramenta*.

— Eu quero *sê* médico. Pra *ajudá os doente*.

— Eu não. Não quero *sê* médico nem a pau. Médico tem que *ficá* mexendo com doente, sangue, pereba, credo! Eu quero *sê* igual o Pelé.

O cara é rei do futebol e ainda por cima namora a Xuxa — argumentava o outro, dois anos mais velho que a média, com toda a sabedoria do mundo.

— E você, Thalles, o que quer *sê* quando crescer?

— Quero *sê* artista, saca? Tipo internacional. Cantar pra um mundão de gente.

— Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk. — A gargalhada sempre era geral na pracinha.

— De novo com essa conversa de artista, Thalles? Kkkkkk. Fica ativo, *sô!*

— Quer ficar igual aquele neguinho lá. Pireee, pireee, pireee, pireee. — Ironizava uma das crianças, imitando o passo *moonwalk*, de Michael Jackson.

— Então tá bom, *ceis* vão *vê*. — retrucava baixinho, até porque não dava para argumentar muito em uma roda com média de idade de seis anos.

De repente, da janela, minha mãe gritava:

— Cooooorre, Cheiro-verde, vem que o almoço tá na mesa.

E, como em uma sinfonia, mães gritavam na janela ao redor da praça, anunciando a hora do almoço. A pracinha ficava deserta. Como em *debandada*, uma “manada” de crianças famintas levantava poeira atrás de um prato de arroz, macarrão, feijão e carne. Mais mineiro, impossível.

Nesse ritmo bom fluía a vida. Da casa para a escola, da escola para a pracinha. Bola, pipa, carrinhos, estilingue; tradicionais brincadeiras de criança, sempre acompanhadas de igreja, muita igreja.

Nascido em uma família evangélica, sempre tive a igreja como extensão de casa, e a casa como extensão da igreja; até porque filho de pastor não tem muita escolha. Quando está na igreja, o assunto é igreja; quando está em casa, o assunto é igreja; quando está na escola, ele é o “da igreja”.

Todo domingo de manhã, não tinha conversa. Era passar cinco minutos da hora de acordar que mamãe já saía puxando as cobertas de todo mundo e abrindo a janela do quarto. Logo atrás vinha meu pai, ajudando a organizar a turma. Pastor Job, como é conhecido até hoje, sempre de bom humor, começava o dia gritando:

— Acoooooorda, molecada, que hoje é dia do Senhor! Vamos pra casa dEle, adorá-Lo e bendizê-Lo, e depois tem ensaio do coral.

Era uma correria só. Um escovava os dentes já colocando a roupa, outro tomava café enquanto batia na porta do banheiro querendo entrar. Às vezes, um de nós tentava ganhar cinco minutos a mais de sono, mas rapidinho tomava uma travesseirada ou um cutucão.

No fim da tarde de domingo, a correria era mais intensa. Um olho no pão com manteiga, outro na televisão, tentando ver o finalzinho de algum programa. Quando ia chegando a hora do culto, papai desligava o UHF da tomada e saía cantarolando um hino. Unida, a família ia seguindo para a igreja, rumo ao ministério. Era oração, louvor, intercessão e música. Muita música.